

Imigração, colonização e associativismo evangélico: acerca da presença da “Associação/Obra Gustavo Adolfo” no Brasil*

Ricardo Willy Rieth

Resumo: Abordagem introdutória ao contexto da imigração e colonização teuto-evangélica no Brasil, com destaque para as iniciativas da “Associação (depois Obra) Gustavo Adolfo” da Alemanha e seus reflexos sobre práticas associativistas empreendidas por comunidades e organizações eclesiais supracomunitárias.

Resumen: Aproximación introductoria al contexto de la inmigración y colonización teuto-evangélica en Brasil, destacando las iniciativas de la “Asociación (después Obra) Gustavo Adolfo” de Alemania y sus reflejos sobre prácticas de asociación emprendidas por comunidades y organizaciones eclesiais supracomunitarias.

Abstract: An introductory approach to the German-evangelical immigration and colonization in Brazil, with emphasis on the initiatives of the “Gustaf Adolf Work/ Association” from Germany and its reflexes on the associative practices carried out by congregations and by supracongregational ecclesiastical organizations.

* Texto de palestra apresentada por ocasião da celebração dos 90 anos da Obra Gustavo Adolfo – IECLB, em Novo Hamburgo, RS, em 16 de agosto de 2000.

Festa Gustavo Adolfo

Era o mês de dezembro de 1894 em São Leopoldo, o chamado berço da imigração alemã. Num sábado à noite, a cidade é surpreendida pelo estrondo de tiros de canhão. Muita gente deve ter ficado apavorada. E isso com razão, afinal, o Rio Grande do Sul vivia a Revolução Federalista, um dos episódios mais sangrentos de sua história.

Às 8 horas da noite, um bom número de membros se reúne no templo da Comunidade Evangélica Alemã. Não dão mostra de medo ou apreensão. Pelo contrário, vivem um clima festivo. Há canto coral e comunitário. Um palestrante convidado irá falar, além do pastor local, Wilhelm Rotermund. O que se celebra é uma Festa Gustavo Adolfo. Há 300 anos nascia Gustavo Adolfo II, rei da Suécia – ou, nas palavras de Rotermund, “o Leão nórdico” – que viria a morrer em território alemão durante a Guerra dos Trinta Anos.

Podemos perguntar: o que essa gente no sul do Brasil tinha a ver com Gustavo Adolfo? Não haveria mil outros motivos para uma festa de dois dias, em São Leopoldo e na Lomba Grande, com direito a tiros de canhão e tudo o mais? Seria tão grande assim o interesse daquela gente pela história militar européia?

Ocorre, na verdade, que para aquelas pessoas o nome “Gustavo Adolfo” transcendia em muito a figura e a circunstância histórica em torno do rei sueco. “Gustavo Adolfo” representava, antes de tudo, preocupação com quem compartilha da mesma fé e passa por dificuldades e privações. “Gustavo Adolfo” simbolizava testemunho cristão, disposição para auxiliar onde quer que fosse necessário. Sem exagerar, pode-se dizer que o nome “Gustavo Adolfo” apontava para uma alternativa, uma possibilidade. Mais ainda, um novo jeito de ser Igreja entre os evangélicos.

Imigração/colonização e diáspora teuto-evangélica

Nas primeiras décadas do século XIX, começaram a chegar de forma sistemática imigrantes europeus ao Brasil. Parte deles veio de territórios alemães, sendo mais da metade protestantes. A maioria destes imigrantes estabeleceu-se no sul e no sudeste do país. Fundaram suas próprias comunidades civis, escolares e eclesiais. Durante os primeiros 40 anos de colonização, essas comunidades permaneceram relativamente isoladas. Nesse período, as que dispunham de professores e pastores formados academicamente eram exceção.

Os alemães evangélicos e seus descendentes tornaram-se cidadãos de um Estado no qual, até a Proclamação da República (1889), o catolicismo foi religião oficial e o protestantismo era apenas tolerado e sujeito a restri-

ções. Seus locais de culto não podiam ter forma de templo. Os casamentos não eram legalmente reconhecidos. Seus mortos não podiam ser sepultados em cemitérios destinados à população em geral.

Viviam aquilo que se convencionou chamar, no universo eclesial e teológico protestante de então, de diáspora. Além de minoria étnica, também eram minoria religiosa.

Diáspora/Igreja

Que é diáspora? É uma palavra da linguagem religiosa e teológica usada para descrever a situação de uma minoria. “Diáspora” acontece quando um tipo específico de crença se acha num contexto majoritariamente determinado por outra crença. Tal situação de minoria é interpretada na perspectiva da fé para encontrar auxílio nos momentos de dificuldade.

Na “diáspora” viviam aqueles judeus no tempo do Antigo Testamento que eram minoria étnica e religiosa fora de sua pátria, a Palestina. Na “diáspora”, segundo 1 Pe 1.1, viviam pessoas cristãs no Ponto, na Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia.

Após a Reforma na Europa, com o surgimento de Igrejas nacionais identificadas com o catolicismo romano, passou a existir uma diáspora evangélica. Isso ocorre também em consequência da expansão da Reforma para regiões onde a maioria era católica romana ou ortodoxa. Diáspora evangélica de igual modo surgiu como resultado de emigração por razões religiosas. Por fim, houve o caso de diáspora evangélica como consequência de crescimento econômico e comercial, de emigração e colonização. Este é justamente o caso do Brasil.

AGA Alemanha

Na mesma época em que evangélicos alemães começavam a chegar ao Brasil, passou a aumentar na Alemanha a preocupação com as pessoas e comunidades da diáspora evangélica. Na região da Saxônia, líderes da igreja, professores universitários, comerciantes e empresários trataram de motivar toda a população evangélica a se preocupar e auxiliar as minorias evangélicas. Como personagem símbolo desse movimento foi escolhido o rei Gustavo Adolfo II, da Suécia. Duzentos anos antes, ele havia tombado em terras alemãs, lutando contra tropas católico-romanas, durante a Guerra dos Trinta Anos.

A memória do rei luterano, que pegara em armas para salvar a Reforma de sua extinção, deveria mobilizar o povo evangélico a se engajar pacifi-

camente pelas minorias evangélicas em condição desfavorável ou, até mesmo, oprimidas.

Desse engajamento surgiu a “Associação Gustavo-Adolfo” (“Gustav-Adolf Verein”; nos estatutos, “Associação Evangélica da Fundação Gustavo-Adolfo” – desde 1946, “Obra Gustavo-Adolfo da Igreja Evangélica na Alemanha”). Iniciou sob a liderança de Gottlob Grossmann, na Saxônia, em 1832, e, desde 1841, ampliou sua abrangência por toda a Alemanha, e mesmo fora dela, com o apoio decidido de Karl Zimmermann. A AGA teve seu objetivo definido assim nos primeiros estatutos (1843):

A Associação Gustavo-Adolfo é uma união de todos os membros da Igreja Evangélica Protestante, cujo coração é tocado pela necessidade de seus irmãos, que são privados dos meios da vida eclesial e por isso correm o risco de se perderem para a Igreja; assim, lembrando a palavra apostólica: “Façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé” [Gálatas 6.10], tem o objetivo de amparar com todas as forças a esses irmãos na fé, dentro e fora da Alemanha, em sua necessidade, enquanto não puderem obter auxílio suficiente em sua própria pátria.

Além da palavra de Gálatas, os fundadores sentiam-se movidos pelo que Jesus diz a Pedro em João 21.16: “Apascenta minhas ovelhas”.

Em todas as Igrejas territoriais alemãs, foram formadas “Associações Principais” (*Hauptvereine*), às quais se ligaram respectivamente “Associações Locais” e “Subordinadas” (*Ortsvereine e Zweigvereine*). Em Leipzig, na Saxônia, ficou a direção central. Os recursos não ficaram somente para fundo de capital, mas passaram a ser distribuídos: 1/3 para uso direto por cada *Verein*; 1/3 para uma comunidade de diáspora por decisão da Associação; 1/3 para a direção central.

A AGA é fruto de um movimento chamado “associativismo protestante”, que floresceu naquele tempo. Pessoas cristãs identificaram uma necessidade que as Igrejas não estariam suprindo e fundaram uma associação que assumia o desafio – nesse caso, o auxílio às minorias evangélicas. Uma associação como a AGA mostrou-se em seu interior, desde o início, bem mais participativa, horizontal, democrática e ágil do que as Igrejas territoriais evangélicas, com suas estruturas por vezes viciadas. Portanto, trata-se em boa medida de um novo jeito de ser Igreja.

Além disso, há que se destacar o caráter ecumênico da AGA: muitíssimo antes de se conceber uma Igreja Evangélica na Alemanha, as Assembleias Gerais, promovidas anualmente desde 1843, reuniam grande parte do mundo evangélico alemão e de outros países europeus.

As mulheres evangélicas encontraram na AGA um espaço de visibili-

dade e afirmação; desde 1848, passaram a constituir-se Associações de Mulheres GA. Também as crianças foram valorizadas e motivadas a participar. Desde 1903, com a Dádiva das Crianças GA (*GA Kindergabe*) realizada em Bremen, isso passou a acontecer.

Cinquenta anos (1882) após sua fundação, a AGA tinha 44 associações principais, 1.387 subordinadas e locais, 388 associações de mulheres, 9 de estudantes e 19 de crianças. Até o ano de 1913, apoiara um total de 6.426 comunidades, somando 62.330.500 de marcos.

AGA no Brasil

Vimos, no começo, que as primeiras comunidades evangélicas no Brasil viveram no início um grande isolamento, além da falta, muitas vezes, dos mínimos recursos. A partir da década de 1860, a situação começou a se alterar. O trabalho conjunto entre os grupos teuto-brasileiros se ampliou. Intensificaram sua organização em associações políticas, de agricultores, de lazer, escolares e religiosas, e as relações com a antiga pátria na Europa passaram a se estreitar. No caso das escolas e comunidades religiosas protestantes, foi decisivo o envio sistemático de professores(as) e pastores por entidades, associações e igrejas de além-mar. Na Alemanha, seja no plano político, econômico, educacional, militar ou religioso, intensificava-se consideravelmente a atenção para com suas filhas e filhos que haviam emigrado. Isso se traduziu no apoio financeiro e na disponibilização de recursos humanos para assumir funções de liderança nas organizações comunitárias surgidas no além-mar.

O contato entre a AGA e comunidades evangélicas no Brasil existe desde 1845, ou seja, desde os primeiros anos de existência da associação alemã. Houve pedidos de auxílio de comunidades, como por exemplo o da Comunidade Evangélica Alemã no Rio de Janeiro, filiada à Igreja Territorial da Prússia, que queria concluir a construção de seu templo. Também houve pedidos de obreiros. João Jorge Ehlers, primeiro pároco de São Leopoldo (1824-46), solicitou recursos para sua aposentadoria, uma vez que, depois de velho, acabou relegado à penúria.

Em sua própria documentação, a AGA sempre fez referência ao ano de 1853 como sendo o começo do auxílio a comunidades brasileiras. A primeira comunidade a ser apoiada teria sido a de São Leopoldo, que recebeu da Associação Principal de Berlim 60 táleres para adquirir Bíblias e hinários. A AGA, portanto, tornava mais viáveis o culto e o estudo bíblico entre evangélicos no Brasil. Nos anos seguintes, evangélicos de outras localidades seri-

am auxiliados: Porto Alegre, Santa Cruz, Ferraz. Fora do RS foram apoiadas, em SC: Santa Isabel/Teresópolis, Brusque; no ES: Santa Leopoldina (desde 1865); em MG: Teófilo Otoni (desde 1868); no RJ: Rio de Janeiro e Petrópolis (desde 1870); em SP: Limeira/Bairro de Pires (desde 1876).

Foi em muito graças à AGA que pessoas e instituições na Europa tiveram seus olhos abertos para a minoria evangélica teuto-brasileira. Seus principais periódicos publicaram sistematicamente, desde 1846, notícias a respeito de comunidades evangélicas no Brasil. Em suas Assembléias Gerais, sempre houve espaço para que representantes da diáspora evangélica no Brasil falassem. No âmbito dessas mesmas assembléias, também ocorria a chamada “Magna Dádiva de Amor” (*Große Liebesgabe*), uma coleta especial que redundava num valor bem maior do que o normalmente concedido. Três comunidades da diáspora, escolhidas previamente, apresentavam um relatório de sua situação e necessidades. A assembléia então votava, sendo que a comunidade escolhida recebia a maior parte do valor, ao passo que as outras duas uma doação de valor menor. Por três vezes comunidades brasileiras foram beneficiadas pela “Magna Dádiva de Amor” (São Leopoldo, não-eleita, 1908/Estrasburgo; Rio de Janeiro, não-eleita, 1925/Gießen; São Leopoldo, eleita, 1930).

A AGA viabilizou financeiramente os primeiros contatos intercomunitários no mundo evangélico teuto-ibero-americano. Hermann Borchard, pastor em São Leopoldo nos anos 1860, recebeu da AGA, desde 1866, os recursos para visitar comunidades e obreiros evangélicos no sul do Brasil e no Uruguai. Em 1868, ele lideraria a fundação de um sínodo, precursor do Sínodo Riograndense (1886), o primeiro dos quatro sínodos que, décadas depois, viriam a formar a IECLB.

Além do auxílio direto a comunidades, a AGA também ajudou a financiar instituições eclesiásticas e missionárias da Europa que enviaram obreiros(as) ao Brasil, tais como: Missão de Basiléia, Conselho Superior Eclesiástico Evangélico – Berlim, Sociedade Evangélica de Barmen. Por esta última foi enviado Wilhelm Rotermond a São Leopoldo (1874), tendo, entre outros objetivos, o de suceder a Borchard na organização das comunidades em um sínodo. Em 1886, efetivamente, ele lideraria a fundação do Sínodo Riograndense. Pois foi pela AGA que Rotermond teve seu salário complementado anualmente (450 marcos/ano) de 1874 até 1902. Foi também através da Sociedade Evangélica de Barmen, sustentada majoritariamente pela AGA, que Friedrich Pechmann veio ao Brasil. Não causa surpresa, portanto, o fato de ele e Rotermond serem parte da liderança que, em 1910, viria a fundar a OGA/RS e integrar sua primeira diretoria. Pechmann, o futuro

presidente da OGA/RS, e Rotermund conheciam a potencialidade representada pelo jeito de ser Igreja presente no espírito da AGA.

Desse modo, no início do séc. XX, os contatos entre a AGA e o mundo protestante teuto-brasileiro eram múltiplos e muito estreitos. Isso fica evidente em 1907, quando o Conselho Superior Eclesiástico Evangélico (CSEE) da Igreja Territorial da Prússia, à qual estavam filiadas muitas comunidades brasileiras, enviou para visitá-las e supervisioná-las nenhum outro senão Martin Braunschweig, na época secretário-geral da AGA. Posteriormente, de 1911-1919, com o título de Prepósito, Braunschweig viria a ser aqui o representante permanente do CSEE. Acabou tendo um papel importante durante os primeiros anos da OGA/RS.

OGA no Brasil

A OGA/RS surgiu em 1910. Temos informação, porém, de algumas iniciativas anteriores no sentido de concretizar, no Brasil, o espírito da AGA.

Já em 1877, Wilhelm Rotermund planejava fundar uma AGA no sul do Brasil. O principal objetivo desta seria o de manter e administrar uma escola de nível médio, conforme seu plano de 1877. O plano não se concretizou.

Mesmo não havendo uma organização formal desde cedo, o espírito da proposta e do trabalho nos moldes da AGA começava a se mostrar presente. Em 1894, por exemplo, foi celebrada a já citada Festa Gustavo Adolfo em São Leopoldo e na Lomba Grande. O evento foi amplamente divulgado no jornal *Deutsche Post*. Pregador e palestrante convidado foi o pregador itinerante von Bracken. Em São Leopoldo, à noitinha do sábado, a festa foi anunciada com três tiros de canhão. Às 20 horas, ocorreu uma reunião na igreja, com boa participação. O templo tinha sido enfeitado com guirlandas e vasos de flores por senhoras e crianças. Após uma oração e o canto pelo Coro Misto, o P. von Bracken e Rotermund alternaram-se falando sobre a vida e a obra de Gustavo Adolfo. Encerrou-se com oração e canto comunitário. Foi levantada uma coleta para a AGA, na Alemanha, que redundou em considerável soma. Na manhã seguinte, depois de nova salva de tiros, houve culto festivo. A sociedade de canto apresentou alguns hinos. O pregador von Bracken exortou em sua prédica “a que se ficasse fiel aos bens da comunhão cristã-evangélica, obtidos a custo de tanto sangue derramado e se fosse agradecido a Deus pela salvação do protestantismo em momentos de tão sério perigo.” Na tarde de domingo, as festividades se estenderam à localidade vizinha de Lomba Grande.

Da mesma forma, no ano de 1910, realizou-se em Hamburgo Velho

(Hamburger Berg) uma Festa Gustavo Adolfo. Na mesma ocasião, foi inaugurada a nova escola local. Os efeitos dessa festa seriam mais duradouros, pois na ocasião acabou sendo constituída a “Associação Principal da Fundação Gustavo Adolfo no Rio Grande do Sul”. Segundo o relato no livro de atas, dia 16/01/1910, domingo à noite, reuniram-se 51 pessoas no salão da Sociedade de Canto Frohsinn, de Hamburgo Velho, para a festa. Na segunda feira seguinte, dia 17, à noite, no mesmo local, deliberou-se acerca de estatutos provisórios para a organização. Estes tinham 4 artigos e apontavam para o objetivo principal de “apoiar o trabalho evangélico no Rio Grande do Sul”. Para ser membro era preciso uma contribuição anual de no mínimo Rs 1\$000, um valor acessível para que muitas pessoas pudessem se associar. A primeira diretoria eleita era assim composta: presidente, p. Friedrich Pechmann, Hamburgo Velho; tesoureiro, Samuel Dietschi, professor; demais membros: P. Wilhelm Rotermund, São Leopoldo; P. Erwin Hübbe, da cidade de Rio Grande; Paul Saile, proprietário de gráfica. A importância da AGA/RS para o Sínodo Riograndense fica demonstrada pelo fato de seu presidente, Rotermund, integrar sua diretoria.

No mesmo ano de 1910, foi fundada a Associação de Mulheres GA de Hamburgo Velho, sob a liderança de Lydia, esposa do P. Pechmann. A atuação das mulheres merece destaque. Foram elas que de forma mais rápida e sistemática organizaram associações locais. Em 1912, quando da assembléia geral em Hamburgo Velho, havia representantes de Associações de Mulheres GA vindas de Santa Cruz, Monte Negro, Santa Maria do Mundo Novo (Taquara, Igrejinha, Três Coroas) e São Sebastião do Caí.

As primeiras iniciativas foram: criar um sólido fundo bancário, cujos juros seriam utilizados na forma de auxílio a comunidades; adquirir Bíblias e fazê-las chegar a membros de comunidade, especialmente confirmandos; auxiliar as comunidades evangélicas mais carentes, especialmente as das novas áreas de colonização no centro-norte do RS. Principalmente, porém, a AGA/RS via como necessidade principal criar no meio evangélico teuto-brasileiro uma mentalidade doadora, ao invés de receptora de recursos do exterior. As comunidades estabelecidas, que já haviam sido ricamente auxiliadas, e isso por tantos anos, teriam plenas condições de auxiliar as comunidades mais jovens e necessitadas. Identificava-se, portanto, uma diáspora interna, carente de ajuda.

A AGA/RS atuou de forma fundamental durante a 1ª Guerra Mundial, quando os recursos financeiros provindos da Alemanha ficaram escassos e até cessaram. Por um lado, assumiu os auxílios que originalmente seriam concedidos por suas associações co-irmãs da Alemanha às comunidades no

RS. Por outro, organizou coletas para enviar auxílio à Alemanha, especialmente através da Cruz Vermelha.

Numa avaliação do Sínodo Riograndense feita para o período de 1900-1925, Hermann Dohms constatou que a AGA-RS, fundada em 1910, arrecadou mais recursos do que o próprio sínodo.

Posteriormente, foram fundadas AGA em outros sínodos que viriam a formar a IECLB. A AGA do Brasil Central começou a ser organizada em 1922 a partir de um manifesto divulgado pelo P. Koelle, de Rio Claro, SP. Acabou sendo fundada em 1923 com o objetivo de financiar as atividades de pastorado itinerante no sudeste e centro-oeste junto a evangélicos desassistidos. Para mobilizar e incentivar as pessoas era publicado o periódico *Der Mitkämpfer*.

Também a AGA de Santa Catarina foi fundada em 1922, no contexto da Associação de Comunidades Evangélicas de Santa Catarina. Seu objetivo também era o de auxiliar comunidades necessitadas nas novas áreas de colonização.

Palavra final

Certamente poderíamos abordar muitos outros aspectos ligados a 90 anos de OGA no Brasil. Do que vimos nesse curto espaço de tempo, no entanto, uma coisa fica clara: aqueles tiros de canhão na São Leopoldo de 1893 serviram para dar uma sacudida no povo evangélico teuto-brasileiro. O trabalho da OGA tem realmente ensinado um novo e especial jeito de ser Igreja no Brasil: um jeito marcado pelo serviço solidário e que é expressão de unidade.

Bibliografia

BEYER, Hermann Wolfgang. *Die Geschichte des Gustav Adolf-Vereins in ihren kirchen- und geistesgeschichtlichen Zusammenhängen*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1932.

DREHER, Martin N. *Igreja e germanidade: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: EST São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Univ. de Caxias do Sul, 1984.

FAUSEL, Erich. *D. Dr. [Wilhelm] Rotermund: ein Kampf um Recht und Richtung des evangelischen Deutschtums in Südbrasilien*. São Leopoldo: Riograndenser Synode, 1936.

FISCHER, Joachim (Org.). *Ensaio luteranos: dos primórdios aos tempos atuais do luteranismo no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

LERCHE, Otto (Hrsg.). *Hundert Jahre Arbeit an der Diaspora*: Nachweisungen aus den Veröffentlichungen des Central-Vorstandes des Evangelischen Vereins der Gustav Adolf-Stiftung. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1932.

PRIEN, Hans-Jürgen. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil*: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001.

RÖHRIG, Hermann-Josef. *Diaspora – Kirche in der Minderheit*: eine Untersuchung zum Wandel des Diasporaproblems in der evangelischen Theologie unter besonderer Berücksichtigung der Zeitschrift “Die evangelische Diaspora”. Leipzig: Benno, 1991.

SCHRÖDER, Ferdinand. *Brasilien und Wittenberg*: Ursprung und Gestaltung deutschen evangelischen Kirchentums in Brasilien. Berlin/Leipzig: Gruyter, 1936.

SUDHAUS, Paul. *Vergessene deutsche Glaubensbrüder*: ein Hülferuf aus Südbrasilien. Herausgegeben und der 56. Hauptversammlung der Gustav-Adolf-Stiftung (6.-8. Oktober 1903 zu Hamburg) als Festschrift gewidmet vom “Verein zur Pflege evangelischen Deutschtums in aussereuropäischen Ländern”. Hamburg, 1903.

Ricardo Willy Rieth
Rua Amadeo Rossi, 467
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo/RS
rwrieth@est.com.br